

Macroeconomia

A raiz da crise agrícola

Rogério Mori *

A queda da inflação é muito comemorada em 2006 por autoridades do governo e economistas em geral. De fato, os índices de preços revelam variações significativamente mais baixas nos últimos meses relativamente ao verificado no mesmo período nos anos anteriores. O IPCA, por exemplo, registrou variação acumulada de apenas 1,75% até maio. Ao mesmo tempo, as expectativas de inflação apontam para uma variação do índice abaixo da meta de 4,5% estabelecida para 2006.

Na prática, como a inflação mostra uma trajetória muito distinta da esperada no começo do ano, estimula projeções otimistas do ponto de vista do ritmo da redução da taxa de juros brasileira. As apostas do mercado financeiro atualmente vão na direção de uma continuidade da trajetória de queda da taxa Selic por parte do Banco Central (BC). Vale a pena lembrar alguns momentos nos últimos meses, quando se chegou a cogitar o fato de o BC vir a interromper o ciclo de afrouxamento da política monetária em função das turbulências no mercado financeiro internacional.

A confiança na manutenção da redução da taxa de juros reside, em última instância, na queda da inflação observada. Nesse sentido, cabe indagar quais são os elementos existentes para:

a) fundamentar uma mudança na percepção do comportamento da inflação brasileira;

b) sedimentar a crença do mercado financeiro acerca dos próximos movimentos do BC quanto à taxa Selic.

Em geral, a expectativa era de que, passado um ciclo de aperto da política monetária, seguido pelo atual ciclo de redução dos juros, o ritmo de alta dos preços da economia brasileira registrasse uma desaceleração, em grande medida em função da diminuição do ritmo da atividade econômica no País, com conseqüente redução da velocidade de alta do conjunto dos preços da economia.

Na verdade, o que se observou foi uma desaceleração marginal do ritmo de alta dos preços dos bens não comercializáveis com o exterior, enquanto o dos preços dos bens comercializáveis com o exterior baixou. Nos últimos 12 meses, terminados em maio de 2006, a variação do IPCA dos preços do conjunto dos bens comercializáveis com o exterior foi de 4,80%, enquanto a inflação dos bens comercializáveis com o exterior foi de apenas 0,57%. Ao mesmo tempo, neste período, os preços monitorados tiveram inflação bem acima dos demais grupos: 8,24%.

A razão para esse fenômeno é um tanto óbvia e está ligada à forte apreciação da moeda brasileira frente às demais moedas. Tal fato tem se refletido intensamente sobre os preços dos bens comercializáveis com o exterior. Em outras palavras, foi o canal da paridade do poder de compra e

Variação acumulada entre junho/05 e maio/06 (%)

Bens comercializáveis com o exterior	0,57
Bens não comercializáveis com o exterior	4,80
Monitorados	8,24

Fonte: BCB

não o do crédito que, realmente, atuou para derrubar a inflação brasileira.

A dimensão dessa questão sobre o setor agrícola é enorme e complicada, pois os movimentos da taxa de câmbio afetam em grande medida os preços do setor. Os índices de preços refletem essa dinâmica de forma contundente: o grupo alimentação do IPCA registrou variação acumulada no ano de -0,71% até maio, ficando bem abaixo da variação do índice.

Não é sem razão que boa parte do setor convive com dificuldades enormes neste momento, pois os preços agrícolas registraram quedas significativas nos últimos meses, enquanto as taxas de juros permaneceram em níveis exageradamente elevados. Isso afetou boa parte do setor, que se endividou acreditando que iria encontrar preços mais adequados no momento da comercialização.

O resultado dessa equação, obviamente, não é favorável para o setor e para o País. O governo tenta solucionar a questão utilizando-se de medidas paliativas sem, de fato, atacar a raiz do problema, fundamentada na excessiva volatilidade da taxa de câmbio brasileira e na taxa de juros exageradamente elevada. Aparentemente, essa é uma questão que eventualmente será rediscutida apenas após as eleições. ■

* Professor e Coordenador do Centro de Macroeconomia Aplicada (CEMAP) da FGV-EESP.